

FRACASSO ESCOLAR DE ESTUDANTES NEGROS E NEGRAS: UMA DAS FACETAS DO RACISMO

Laysla Lavínia Santos Andrade ¹

RESUMO

O racismo estrutural que rege as instituições atinge violentamente estudantes negros e negras. Diante do fracasso escolar que alcança este público, urge a necessidade de refletir, a partir de um olhar que leve em consideração as relações étnico-raciais, quais mecanismos influenciam para que o fenômeno aconteça. Este artigo objetiva discutir sobre as nuances que envolvem o fracasso escolar de discentes negros e negras e propor estratégias que possam ser utilizadas no intuito de diminuir a propagação da desigualdade racial na educação escolar. A pesquisa, de caráter bibliográfico, fundamenta-se nas reflexões de ALMEIDA (2021); GOMES (2005); JESUS (2018); LOUZANO (2013); NASCIMENTO (2019); RODRIGUES (2019), dentre outros. No desenvolvimento do trabalho em questão, buscou-se discutir como o racismo institucional pode influenciar no fracasso escolar de estudantes negros e negras, apresentar as problemáticas que envolvem o silenciamento institucional frente às situações de desigualdade racial presente nas escolas, e sugerir estratégias para o rompimento delas. Alcançou-se enquanto resultados a elucidação acerca do fracasso escolar desses estudantes, da relação do fenômeno com o racismo nas escolas, e de possíveis maneiras de enfrentamento dessas situações. Identificou-se a necessidade de aproximação dos agentes da escola com as discussões acerca das relações étnicoraciais como fundamental para contribuir com a mitigação do racismo na educação escolar.

Palavras-chave: Desigualdade educacional, Educação antirracista, Formação de professores.

INTRODUÇÃO

Devido ao racismo estrutural vigente no Brasil, muitas vezes as escolas atuam como propagadoras de práticas preconceituosas e discriminatórias, conforme aponta Almeida (2021, p. 47) ao dizer que “As instituições são apenas a materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como um de seus componentes orgânicos”.

A propagação da desigualdade racial por parte das instituições caracteriza-se por racismo institucional, o qual decorre do racismo estrutural vigente, pois, neste contexto, as instituições podem atuar como reprodutoras de práticas sociais corriqueiras, dentre as quais está presente o racismo. (ALMEIDA, 2021).

O racismo institucional propagado nas escolas afeta de maneira preocupante os estudantes negros e negras. Em sua pesquisa, Louzano (2013) aponta que em todas as regiões e níveis de educação no Brasil, o fato de ser negro amplia a probabilidade de ser vítima do fracasso escolar.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, laysla.andradex1@gmail.com.

Tal afirmação é corroborada por outros autores e autoras. O que confirma que o fracasso escolar, explicitado pela combinação do ciclo: reprovação - distorção idade-série - abandono (UNICEF, 2021), ao atingir pessoas negras, não pode ser visto apenas como fruto do desinteresse, problemas sociais ou desobediência por parte desses discentes (RODRIGUES, 2014).

Logo, deve-se pensar também nas questões sociais que envolvem este público e de que maneira a escola pode ser condutora deste fracasso.

Diante disso, tendo em vista a importância de debater esta temática, a relevância do conhecimento para a ascensão social (RODRIGUES, 2014) e para a existência de uma vida digna, o presente artigo pretende discutir brevemente sobre as nuances que envolvem o fracasso escolar de discentes negros e negras e propor estratégias que possam ser utilizadas no intuito de diminuir a propagação da desigualdade racial na educação escolar.

METODOLOGIA

Adotamos como metodologia a discussão bibliográfica a partir de obras de autores e autoras como ALMEIDA (2021); NASCIMENTO (2019); GOMES (2005); JESUS (2018); RODRIGUES (2019), dentre outros/as que pesquisaram acerca das relações étnico-raciais e o fracasso escolar de estudantes negros.

Desenvolveremos o presente artigo em três momentos: no primeiro, discutiremos como o racismo institucional pode influenciar no fracasso escolar de estudantes negros e negras.

No segundo, apresentaremos as problemáticas que envolvem o silenciamento institucional frente às práticas racistas presente nas escolas e, no terceiro, findaremos com a propositura de estratégias para a diminuição de tais práticas no espaço escolar.

RACISMO, FRACASSO ESCOLAR, E A ESCOLARIZAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NEGROS E NEGRAS

O racismo é compreendido como um

[...] sistema de opressão e produção sistemática de discriminações e desigualdades que, baseando-se na crença acerca da existência de raças superiores e inferiores (intelectual, cultural e socialmente), distribui, de modo assimétrico, privilégios e desvantagens (JESUS, 2018, p.4).

Considerando que a sociedade brasileira é modelada pelo racismo, fundamentada em discriminações que privilegiam algumas raças em detrimento de outras, podemos afirmar que o Brasil se caracteriza por ser um país regido pelo Racismo Estrutural.

Nesse sentido, a escola enquanto instituição existente na esfera de uma sociedade estruturada no racismo, pode ser um meio pelo qual essas desigualdades são propagadas.

Sobre isso, atesta Almeida (2021, p. 48) ao dizer que “[...] as instituições que não tratem de maneira ativa e como um problema a desigualdade racial irão facilmente reproduzir as práticas racistas já tidas como ‘normais’ em toda a sociedade.”

O que vai ao encontro dos achados de Moreira-primo e França (2020) quando suas pesquisas revelam que “[...] experiências de racismo na escola continuam sendo uma forte realidade, sendo o espaço escolar um dos principais cenários no qual crianças experimentam racismo e discriminação racial.” (MOREIRA-PRIMO; FRANÇA, 2020, p. 36).

Ao pesquisar acerca do fracasso escolar, percebe-se que este fenômeno está enraizado e naturalizado na cultura escolar brasileira, atingindo diversos estudantes.

Diante desse cenário, não é difícil imaginar que grande parte do público vítima do fracasso escolar seja composto por pessoas negras.

Tal afirmação é corroborada por Louzano (2013), cuja pesquisa revela que, em todas as regiões e níveis de educação no Brasil, o fato de ser negro amplia a probabilidade de ser vítima do fracasso escolar.

Em convergência a este dado, Rodrigues (2019), chega a conclusões semelhantes:

[...] nem sempre crianças negras desfrutam das mesmas oportunidades educativas que as crianças brancas, fato que pode contribuir para perpetuar as desigualdades existentes dentro do sistema educacional e ao racismo que permeia nossa sociedade. (RODRIGUES, 2019, p. 104)

Diante disso, revela-se que, mesmo diante de condições sociais análogas, as experiências vivenciadas por estudantes negros e negras nos espaços de educação formal diferem das vivenciadas por estudantes brancos.

Com isso, urge a necessidade de, ao analisar os mecanismos que envolvem a escola e o fracasso escolar, pensar, não apenas nas tensões atreladas à luta de classes, mas também considerar que a desigualdade social no Brasil é associada à desigualdade racial (NASCIMENTO, 2019).

E, com isso, ponderar a “[...] desigualdade racial como elemento de influência sobre o fracasso escolar no contexto da educação pública” (RODRIGUES, 2019, p. 98).

Apontamento semelhante a esses são feitos por Aquino e Nascimento (2019), quando discorrem acerca da evasão, uma das facetas que envolvem o fracasso escolar: “Esse fenômeno, que implica na saída processual e/ou no abandono de estudantes à escola, precisa de uma leitura situada com a realidade social observada, não podendo ser visto de forma unilateral.” (AQUINO; NASCIMENTO, 2019, p. 4).

É preciso pensar para além das dificuldades que envolvem os indivíduos que se encontram em classes sociais menos abastadas.

Revela-se a necessidade de, ao analisar tais questões, ponderar quais situações vivenciadas pelos estudantes negros e negras em seus processos de escolarização fazem com que este público seja mais propício a compor os índices que indicam o fracasso escolar.

Segundo Rodrigues (2019), as escolas “não promovem relações étnico-raciais equânimes, e, mantêm as relações de dominação e desrespeito com as crianças que frequentam este espaço.” (RODRIGUES, 2019, p. 100).

Jesus (2018), ao entrevistar jovens autodeclarados negros e negras, percebeu que esses jovens foram, em razão do seu pertencimento racial, vítimas de xingamentos e práticas pejorativas no ambiente escolar.

Tais práticas não se caracterizam enquanto novidade para pessoas negras. É fácil perceber, ao questioná-las sobre sua experiência escolar, o relato da presença destas práticas discriminatórias em seus processos de escolarização.

O racismo pode afetar o desempenho das crianças, jovens, e adultos negros estudantes, tendo em vista que a escola passa a ser um local não de experiências significativas de ensino-aprendizagem, mas de experiências negativas que podem culminar em dor, raiva, dentre outros sentimentos e emoções. Jesus aponta:

[...] creio que a força e a persistência das representações sociais acerca destes sujeitos tendem a impedir, ou dificultar, que as performances individuais de jovens estigmatizados sejam capazes de romper os significados sociais negativos atribuídos a seu próprio corpo e a seu pertencimento racial (JESUS, 2018, p.13).

Ainda, Moreira-primo e França (2020) revelam que

[...] as experiências de racismo na escola contribuem para que a criança negra desenvolva um sentimento de que o espaço escolar não é um lugar para ela, que a sua

presença ali é um incômodo e que o racismo é um problema sem solução, uma vez que nada é feito para enfrentá-lo. (MOREIRA-PRIMO; FRANÇA, 2020, p. 41)

Dessa forma, diante de tamanhas violências fruto do racismo que atinge estudantes negros e negras no espaço escolar, é urgente pensar quais as contribuições da escola para o enfrentamento ou reprodução da desigualdade racial.

A ESCOLA E A REPRODUÇÃO DO RACISMO

O racismo produzido e reproduzido na escola acarreta em inúmeros prejuízos para os estudantes negros e negras. Prejuízos estes presentes tanto na esfera emocional, quanto na social e no que se refere aos seus processos de escolarização, podendo culminar no fracasso escolar desses estudantes.

Uma das principais problemáticas relacionadas ao enfrentamento da reprodução da desigualdade racial nos espaços escolares é o silenciamento diante do racismo.

Dentre as diversas realizações necessárias para romper com a reprodução do racismo institucional e assim influenciar na diminuição do fracasso escolar de jovens negros e negras quando este está atrelado à sua vivência dentro das instituições de ensino, se faz necessário “[...] romper o silêncio e dar visibilidade ao problema.” (NASCIMENTO, 2019, p. 15).

Em pesquisa já aqui referenciada, Jesus (2018) percebe na fala de seus entrevistados a declaração da existência do silêncio advindo dos professores e da instituição escolar frente às denúncias de racismo sofrido dentro desse espaço. Sobre isso, o autor afirma que

[...] ao mesmo tempo em que os estereótipos raciais são utilizados como forma de naturalizar a subalternidade de determinados corpos, o silenciamento incide na negação do debate sobre raça no Brasil e, em consequência, nas possibilidades de desnaturalização destes processos de subalternidade (JESUS, 2018, p.15).

Podemos inferir que este silenciamento pode se dar, dentre outros fatores, pela falta de crença na existência do racismo por parte da escola e dos indivíduos que a compõem. Tendo em vista a presença do mito da democracia racial na sociedade brasileira, que é a ideia de que pretos e brancos convivem harmonicamente desfrutando de iguais oportunidades de existência (NASCIMENTO, 2016), o que faz com que

[...] existam professores que defendam que as discussões sobre as questões étnico-raciais devam ser suscitadas por colegas negros ou pelo movimento negro em



ambientes específicos, já que, segundo a visão desses profissionais, vivemos em um país mestiço, e as poucas situações de racismo, que eventualmente possam acontecer, não ocorrem dentro do espaço escolar, o que infelizmente não se verifica como verdade. (RODRIGUES, 2019, p. 99)

Esta crença de que o espaço escolar se caracteriza como “paraíso racial” é bastante presente no entendimento de grande parte do corpo docente e demais profissionais que compõem as instituições escolares.

Segundo Sousa (2005), essa percepção de democracia racial nos espaços de escolarização pode ser facilmente assimilada quando o indivíduo lança às escolas um olhar menos crítico.

Em contrapartida, tal compreensão pode ser refutada na medida em que se lança um olhar crítico e reflexivo para a maneira como as atividades, vivências e relações são desenvolvidas nas instituições escolares.

Nesse sentido, Sousa (2005) evidencia dois pontos acerca dos instrumentos e modalidades de linguagens utilizadas pelas escolas que se caracterizam como problemática para o desenvolvimento da identidade, autoestima e desempenho de estudantes negros e negras.

O primeiro ponto elencado pela autora é definido como “linguagens escolares subjacentes”, as quais são “aquelas formas de comunicação aparentemente ingênuas e isentas de ideologias, mas que estão, de fato, impregnadas de preconceitos”. (SOUSA, 2005, p. 109).

Segundo a autora, essas práticas são concretizadas de duas formas: mediante a invisibilidade do grupo negro nos eventos festivos da escola, cartazes, referências de construção da história, ilustrações de livros, etc. e por meio da visibilização negativa ou inferiorizante desse grupo, a qual caracteriza-se por expor e designar ao grupo negro papéis e posições subservientes ou degradantes.

A presença de personagens negros em papéis/situações de subserviência bem como a omissão dos negros enquanto protagonistas da própria história encontra-se também nos livros didáticos, conforme aponta Muller (2018) ao dizer:

A ênfase dada nos livros é tradicionalmente voltada para os senhores de engenho, a casa-grande, as relações de produção, deixando de apresentar as lutas e resistências dos negros, seus conhecimentos, tecnologias, histórias e participação na construção e formação da nação brasileira. (MULLER, 2018 p.89)

Essa representação negativa afeta, dentre outras esferas, a construção de identidade e autoestima dos estudantes negros e negras, conforme aponta Silva (2005):



A presença dos estereótipos nos materiais pedagógicos e especificamente nos livros didáticos, pode promover a exclusão, a cristalização do outro em funções e papéis estigmatizados pela sociedade, a auto-rejeição e a baixa auto-estima, que dificultam a organização política do grupo estigmatizado. (SILVA, 2005, p. 24)

Isso também pode influenciar no desempenho escolar destes estudantes. Para além dessas representações, outro ponto acerca da discussão sobre as linguagens escolares elencado por Sousa (2005) é o que a autora define como “interação, preconceito e ambiguidade na sala de aula”, o qual diz respeito às relações entre discentes negros (as) e não negros (as) e docentes negros (as) e não negros (as) no contexto da sala de aula.

Neste ponto, a autora refere-se às atitudes racistas que acontecem no interior da sala de aula e que não são levadas a sério como deveriam pelos professores. Os quais, muitas vezes, julgam tais atitudes como brincadeiras inofensivas.

O que não é verdade, visto que atitudes como estas tornam a sala de aula espaço de conflito, reforçam a propagação da desigualdade racial na instituição escolar e geram sentimentos negativos aos estudantes vítimas delas, conforme aponta Rodrigues (2019, p. 99) quando diz que “[...] a banalização das ofensas raciais e atos de racismo dentro das escolas fazem com que crianças que foram submetidas a estas situações se sintam invisíveis, impotentes e subjugadas.”

O PAPEL DA ESCOLA FACE À DESIGUALDADE RACIAL

Atestada a existência do racismo nas escolas, é imprescindível que estes espaços de educação formal adotem práticas contra hegemônicas no intuito de romper com a desigualdade racial vigente, reconhecendo as diversas nuances que envolvem seus estudantes, conforme aponta Nilma Lino Gomes ao dizer que

Não faz sentido que a escola, uma instituição que trabalha com os delicados processos da formação humana, dentre os quais se insere a diversidade étnico-racial, continue dando uma ênfase desproporcional à aquisição dos saberes e conteúdos escolares e se esquecendo de que o humano não se constitui apenas de intelecto, mas também de diferenças, identidades, emoções, representações, valores, títulos... (GOMES, 2005, p. 154)

Nesse sentido, urge a necessidade de a escola aproximar-se das questões que envolvem seus estudantes com o objetivo de perceber “[...] como o aluno se relaciona afetivamente com a escola; se sua presença nela é positivamente significativa ou se estar ali é estranho à sua realidade, necessidades e valores identitários.” (AQUINO, NASCIMENTO, 2019, p.7).

Visto que é também por meio da escuta ativa e atenção aos sinais emitidos pelos estudantes no que se refere às vivências experienciadas nas escolas que a instituição, junto aos indivíduos que a compõe, poderão identificar as questões ali vigentes e traçar melhorias e estratégias equitativas para a promoção de experiências significativas para seus discentes dentro do espaço escolar.

Contudo, é evidente que para a realização desse tipo de prática, os indivíduos que compõem a escola, sejam eles gestores, professores e demais funcionários, precisam aproximar-se da realidade vivenciada por seus estudantes e reconhecer a importância, necessidade, e o debate acerca da temática étnico-racial que perpassa a vida deles.

Nesse sentido, se faz necessário traçar estratégias na perspectiva da formação inicial e continuada de professores e oportunizar momentos de formação com os demais membros das escolas, conforme aponta Gomes (2005) ao dizer que

Para que a escola consiga avançar na relação entre saberes escolares/ realidade social/diversidade étnico cultural é preciso que os(as) educadores(as) compreendam que o processo educacional também é formado por dimensões como a ética, as diferentes identidades, a diversidade, a sexualidade, a cultura, as relações raciais, entre outras (GOMES, 2005, p. 147).

Rodrigues defende que

Para discutirmos de maneira profícua as questões da pluralidade cultural que compõe o espaço escolar, precisamos pensar a formação de professores para as relações étnico raciais, pois, toda a militância do movimento negro, engajamento da família, podem não surtir os efeitos desejáveis se não houver professores preparados para pensar estas questões, e, uma educação antirracista trazendo para as escolas pontos relativos à história e cultura africana e valorização dos padrões estéticos e culturais da cultura negra dos afro brasileiros. (RODRIGUES, 2019, p. 102).

Diante disso, fica exposta a necessidade de promover debates e momentos de formação que envolvam as questões étnico-raciais para que os profissionais da educação possam promover uma educação antirracista e pôr em prática o que recomenda a Lei Nº 10.639/2003, avanço no que se refere ao desenvolvimento dessas temáticas no âmbito escolar.

Dessa forma, sugerimos a articulação da escola com as entidades, movimentos, núcleos de pesquisa, etc. que discorrem sobre o tema no intuito de possibilitar o letramento racial dos profissionais que a compõem e contribuir com o enfrentamento do racismo no espaço escolar.

Ainda, propomos enquanto estratégia o desenvolvimento de estudos, oficinas e palestras acerca da construção de identidade e valorização da estética e cultura negra nos espaços de educação formal.

Tal desenvolvimento pode ser facultado mediante a parceria e inserção de outros setores extraescolares e suas contribuições para a cultura em suas diversas categorias, a saber, música, dança, estética, audiovisual, literatura, etc., na escola.

Esta inserção poderia possibilitar a construção da negritude, o que é importante, visto que “[...] dentro da escola, a construção da negritude dos alunos pode contribuir para firmar sua identidade e, conseqüentemente, para a composição de modelos positivos” (RODRIGUES, 2019, p. 101).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos acerca da relação entre racismo e fracasso escolar de estudantes negros e negras são necessários para a melhor identificação das questões que envolvem o desempenho escolar destes estudantes e, assim, melhor desenvolvimento de estratégias para a superação delas.

Neste artigo, identificamos como as vivências experienciadas pelos estudantes negros e negras nas instituições escolares estão relacionadas com o fracasso escolar destes estudantes.

Pensamos em como identificar algumas práticas propagadas pelas escolas que afetam diretamente esses estudantes e propor meios de cessar o racismo institucional vigente mediante o rompimento do silenciamento institucional, e fomento à formação de professores e demais profissionais da educação para as relações étnico-raciais.

Para além das sugestões já apresentadas, ressaltamos a necessidade de desenvolver mais pesquisas, estratégias e planos de ação, tanto nos espaços de formação de professores, como mediante a relação entre escola e comunidade, que visem o rompimento do racismo propagado nas escolas e possibilitem uma construção positiva da identidade e autoestima dos estudantes negros e negras.

Ainda, evidenciamos a necessidade de desenvolver pesquisas relacionadas aos índices de evasão e fracasso escolar que afetam de maneira incisiva os estudantes negros e negras no intuito de expor a necessidade de direcionar um olhar diferenciado a estes estudantes.

Além disso, ressaltamos também a necessidade de investigar de que forma a temática das relações étnico-raciais têm aparecido nos cursos de formação de professores e demais profissionais da educação.

Dessa maneira, ao buscarmos formas de romper com o racismo presente nos espaços escolares construindo em nossos docentes e discentes a consciência acerca das nuances que



envolvem as relações étnico-raciais, bem como identificando e traçando estratégias no combate à reprodução do racismo institucional, conseguiremos desempenhar de maneira efetiva a genuína função social da escola: atuar como agente transformador da sociedade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, SILVIO. **Racismo estrutural**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.

AQUINO, Sofia Rafaela Oliveira de; NASCIMENTO JÚNIOR, Normando José do. **Nada consta: uma revisão sistemática de literatura sobre evasão escolar e a população negra**, 2019.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA (UNICEF). **Enfrentamento da cultura do fracasso escolar: Reprovação, abandono e distorção idade-série**. UNICEF: Centro de Estudos e Pesquisas em Educação e Ações Comunitárias, 2021.

GOMES, Nilma Lino. Educação e relações raciais. Refletindo sobre algumas estratégias de atuação. In.: MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o Racismo na escola**, p. 143 -154, 2005.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e pesquisa**, v. 29, p. 167-182, 2003.

JESUS, Rodrigo Ednilson de. Mecanismos eficientes na produção do fracasso escolar de jovens negros: estereótipos, silenciamento e invisibilização. **Educação em Revista**, v. 34, 2018.

LOUZANO, Paula. Fracasso escolar: evolução das oportunidades educacionais de estudantes de diferentes grupos raciais. **Cadernos Cenpec | Nova série**, [S.l.], v. 3, n. 1, dec. 2013. ISSN 2237-9983. Disponível em: <<https://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/205/236>>. Acesso em: 20 out. 2022.

MOREIRA-PRIMO, Ueliton Santos; FRANÇA, Dalila X. Experiências de racismo em crianças: o que acontece no cotidiano escolar. **Revista Uniabeu**, v. 13, n. 33, p. 24-44, 2020.

MULLER, Tania Mara Pedroso. Livro didático, Educação e Relações Étnico-raciais: o estado da arte1. **Educar em Revista**, v. 34, p. 77-95, 2018.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Editora Perspectiva, 2016.

NASCIMENTO, Ladislau Ribeiro do. Desigualdade racial e fracasso escolar de estudantes negras e negros. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, v. 4, p. e6401-e6401, 2019.



RODRIGUES, Gerusa Faria. Desvelando o fracasso escolar por meio do racismo. In.: CAMPONES, Kelly Cristina (org.). **Ensino e aprendizagem como unidade dialética 2**. p. 97 - 106, 2019.

RODRIGUES, Gerusa Faria. O que há por traz do fracasso escolar de crianças negras. Anais V CEDUCE. Campina Grande: **Realize Editora**, 2018. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/42655>>. Acesso em: 20 out. 2022.

RODRIGUES, João Batista. **Racismo e evasão escolar**. 2014. 48 f. Trabalho de conclusão de curso. Licenciatura em Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/105138>>. Acesso em: 20 out. 2022.

SILVA, Ana Célia. A desconstrução da discriminação no livro didático. MUNANGA, Kabengele (org). **Superando o racismo na escola**. Brasília: MEC/UNESCO, 2005.

SOUSA, Francisca Maria do Nascimento. Linguagens escolares e reprodução do preconceito. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal, n. 10.639/03**, p. 105-120, 2005.